

Procrastinação e desempenho acadêmico: indícios por meio da análise de correspondência

Procrastination and academic performance: evidence by correspondence analysis

O trabalho participou do X Congresso ANPCONT, promovido em Ribeirão Preto (SP), de 4 a 7 de julho de 2016.

RESUMO

Buscou-se, neste estudo, investigar, por meio da técnica de Análise de Correspondência (ANACOR), se os diferentes períodos cursados e/ou em curso dos graduandos em Ciências Contábeis influenciam a procrastinação das atividades acadêmicas verificando, ainda, a associação da procrastinação às variáveis gênero e desempenho acadêmico, este caracterizado pelo Coeficiente de Rendimento Acadêmico (CRA). Para a coleta de dados foi utilizado o questionário de procrastinação de Lay (1986), composto por 20 questões que indicam o nível de procrastinação dos discentes; posteriormente, como forma de análise das respostas obtidas de 60% de estudantes de uma faculdade em uma universidade pública federal, no Pontal do Triângulo Mineiro, fez-se uso da Análise de Correspondência para verificar a associação entre as variáveis qualitativas. Os resultados indicam que: (1) os estudantes dos períodos finais do curso estão mais associados a um comportamento procrastinador; (2) os discentes do gênero feminino associam-se a um comportamento não procrastinador; e (3) os discentes cujas respostas caracterizam comportamento procrastinador estão associados a um rendimento acadêmico de baixo a médio, ao passo que os que responderam não ter comportamento procrastinador possuem um rendimento acadêmico de médio a alto.

Palavras-chave: Procrastinação. Desempenho acadêmico. Análise de Correspondência (ANACOR). Ciências Contábeis.

ABSTRACT:

We aimed, in this study, to investigate by Correspondence Analysis (ANACOR) if the different periods attended and/or in course of Accounting graduate students influence in academic activities procrastination, checking also the association of procrastination to gender and academic performance variables, the latter characterized by the academic performance coefficient (CRA). For data collection we used Lay procrastination questionnaire (1986), composed of 20 questions that indicate the students procrastination level and later, as a way of analyzing the responses obtained from 60% of students from a college in a federal public university in Pontal of Triangulo Mineiro, it was used the Correspondence Analysis to assess the association between the qualitative variables. The results indicate that: (1) students of the course final periods are more associated with a procrastinator behavior; (2) the female students are associated with a non-procrastinator behavior; and (3) the students whose answers characterized procrastinator behavior are associated with low to medium academic performance, whereas those who responded having no procrastinator behavior have a medium to high academic performance.

Keywords: Procrastination. Academic Performance. Correspondence Analysis (ANACOR). Accounting.

Derley Júnior Miranda Silva

Mestrando em Ciências Contábeis no Programa de Pós-Graduação em Ciências Contábeis da Universidade Federal de Uberlândia (PPGCC – FACIC/UFU). Graduado em Ciências Contábeis pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Contato: Rua Edson Mauro Strack, 285, Bairro Granada, CEP 38410-160, Uberlândia – MG. E-mail: derley_jr@hotmail.com.

Marli Auxiliadora da Silva

Doutora em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia (FACED-UFU) e Mestre em Contabilidade e Controladoria pela Universidade de São Paulo (USP). Professora do Programa de Mestrado em Ciências Contábeis da Faculdade de Ciências Contábeis da Universidade Federal de Uberlândia (PPGCC-UFU) e do curso de Ciências Contábeis da Faculdade de Ciências Integradas da Universidade Federal de Uberlândia (FACIP-UFU). Contato: Rua Vinte, 1.600, Bloco D, Sala 304, Campus Pontal, Bairro Tupã, Ituiutaba (MG). CEP: 38304-042. E-mail: marli.silva@ufu.br.

Marcus Sérgio Satto Vilela

Doutorando em Contabilidade e Controladoria pela Universidade de São Paulo (USP). Mestre em Ciências Contábeis e Atuariais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professor no curso de Ciências Contábeis da Faculdade de Ciências Integradas da Universidade Federal de Uberlândia (FACIP-UFU). Contato: Rua Vinte, 1.600, Bloco D, Sala 304, Campus Pontal, Bairro Tupã, Ituiutaba (MG). CEP: 38304-042. E-mail: marcus.satto@ufu.br.

Renata Mendes de Oliveira

Mestre em Contabilidade pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Professora no Curso de Ciências Contábeis da Faculdade de Ciências Integradas da Universidade Federal de Uberlândia (FACIP-UFU). Contato: Rua Vinte, 1.600, Bloco D, Sala 304, Campus Pontal, Bairro Tupã, Ituiutaba (MG), CEP: 38304-042. E-mail: renatamendes@ufu.br.

1 INTRODUÇÃO

Atitudes triviais como deixar para depois o início, o desenvolvimento ou o término de alguma atividade, assim como retardar o ato de tomada de decisão, caracterizam uma ação procrastinadora conforme relatam Ferrari, Johnson e McCown (1995). Como consequências da procrastinação Burka e Yuen (1991) descrevem atividades comportamentais como a irritação e, em estágio mais avançado, uma profunda autocondenação, devido ao não cumprimento da atividade, em nível interno. Comportamentos procrastinadores levam, também, a consequências ambientais externas como pagamento de multas por atrasos e, até mesmo, possível perda de emprego ou rompimento de relações.

A procrastinação, que Ferreira (2010) explica ser o ato de adiar, demorar ou deixar o cumprimento de uma atividade para outro dia, remonta à evolução da civilização, visto sua constatação nas culturas egípcias, romanas e babilônicas como relatam Ribeiro *et al.* (2014). Na antiga Babilônia, o Código Hammurabi condenava a procrastinação, por meio de 283 códigos (FERRARI; BECK, 1998). Knaus (2000) destaca que mais recentemente, em decorrência da combinação de aumento de produtividade e uso efetivo do tempo impostos pela Revolução Industrial, a procrastinação ganhou destaque na sociedade ocidental.

O comportamento procrastinador se configura como tema de estudos diversos, sendo investigadas tanto as atitudes pessoais quanto profissionais. No âmbito pessoal, estudos de Harriott e Ferrarri (1996) afirmam que mais de 20% das pessoas são procrastinadores crônicos adiando atividades cotidianas como o pagamento de contas e a realização de exames médicos. Schouwenburg (2004) destaca que procrastinadores, continuamente, não aderem a horários que, nas sociedades industriais, é condição importante para o uso eficiente da tecnologia, tempo e outros recursos.

Com relação às atitudes procrastinadoras em âmbito profissional, Franceschini (2009) explica que se pode esperar de trabalhadores, especialmente aqueles situados em cargos de base ou considerados operacionais, a procrastinação de tarefas sempre que o supervisor estiver ausente ou se sua remuneração for insignificante frente às horas exigidas de trabalho. Ribeiro *et al.* (2014, p. 390) concordam que “em ambientes organizacionais, pessoas procrastinam reduzindo o ritmo de trabalho ao invés de acompanhar a demanda de obrigações; outras, irritadas pela burocracia, preferem arquivar os documentos como “pendentes” ao invés de terminar o trabalho”.

Um dos campos em que a procrastinação está presente e que tem sido objeto de estudo de autores diversos, tanto nacionais como internacionais, é o contexto escolar. Nesse ambiente a procrastinação relaciona-se ao adiamento do início dos estudos que pode decorrer da dificuldade na formulação de objetivos de aprendizagem (MILGRAM; SROLOFF; ROSENBAUM, 1988; COSTA, 2007) ou do adiamento das intenções para começar a estudar (SCHOUWENBURG, 1995).

Os procrastinadores no contexto acadêmico têm como característica ações a exemplo de atrasos na preparação de trabalhos escolares, perda do prazo para entrega de algum relatório para o professor ou livro na biblioteca ou deixar a finalização de alguma tarefa sempre para o último momento (ENUMO; KERBAUY, 1999; FONTES, 2012). Essas atitudes, além das consequências internas e externas apresentadas por Burka e Yuen (1991), podem aumentar as chances de falha levando ao baixo desempenho acadêmico (FONTES, 2012).

A relação entre o comportamento procrastinador e desempenho acadêmico e, ainda, a procrastinação relacionada ao gênero, em contexto brasileiro, foi apresentada em estudo de Ribeiro *et al.* (2014), que investigou o comportamento de estudantes de um curso específico: a graduação em Ciências Contábeis com alunos de três universidades brasileiras. Os resultados verificados apontaram que: (i) estudantes com altos níveis de procrastinação tendem a um desempenho escolar reduzido; e (ii) estudantes do gênero masculino apresentaram maior nível de procrastinação, não sendo possível, entretanto, indicar categoricamente a existência de diferença entre os gêneros e o nível de procrastinação.

Replica-se, nesta pesquisa, o estudo de Ribeiro *et al.* (2014) propondo, no entanto, uma abordagem distinta daquela utilizada pelos autores. Metodologicamente, a abordagem empregada pelos autores mencionados foi classificada como quantitativa; e como forma de tratamento dos dados, além de recursos estatísticos descritivos, os autores lançaram mão de testes de correlação a fim de identificar a existência de associação entre o comportamento procrastinador e o desempenho acadêmico.

Considerando a contribuição do estudo de Ribeiro *et al.* (2014) sobre o comportamento de graduandos em Ciências Contábeis, mas utilizando-se da Análise de Correspondência para tratamento das variáveis qualitativas, buscou-se, então, a partir de uma replicação parcial, acrescentar discussões relativas à temática a fim de responder ao questionamento: A procrastinação de estudantes do curso de graduação em Ciências Contábeis apresenta associação com os diferentes períodos cursados?

Buscou-se, deste modo, investigar se o fato de os discentes cursarem diferentes períodos influencia a procrastinação de suas atividades acadêmicas. Investigou-se, também, a associação entre o comportamento procrastinador e o desempenho acadêmico; a relação entre o gênero e a procrastinação; além da associação do comportamento procrastinador com a condição de trabalho, a fim de verificar se os níveis de significância dos resultados confirmam ou não os resultados verificados no estudo parcialmente replicado. Este trabalho abrange os graduandos do curso de Ciências Contábeis, em uma faculdade de um *campus* fora de sede da Universidade Federal de Uberlândia.

Destaca-se a importância das pesquisas sobre o comportamento procrastinador por ser este um tema contemporâneo cujas discussões, no ambiente de ensino, podem levar à compreensão de variáveis relacionadas ao desempenho acadêmico. Desde a década de 1990 confirmam-se, na literatura, os estudos que buscam investigar o desempenho acadêmico e o comportamento dos estudantes, porém em âmbito nacional e, de forma mais pontual, na

área do conhecimento em que se insere a graduação em Ciências Contábeis, há ainda contribuições a serem adicionadas às discussões.

Uma contribuição que este estudo buscou acrescentar refere-se ao tratamento por meio da Análise de Correspondência (ANACOR), dadas as variáveis: nível de procrastinação, desempenho acadêmico, gênero, período (ou série) em curso e condição de trabalho que são variáveis de natureza qualitativa, de forma diversa do método empregado por Ribeiro *et al.* (2014). Para o campo de pesquisa possibilita discussões acerca de técnicas diversas para o tratamento e análise de variáveis qualitativas, devido ao emprego de regressão e correlação e da associação, técnica utilizada neste estudo.

No campo teórico, o estudo contribui com as pesquisas sobre o desempenho do discente no curso de Ciências Contábeis, sobretudo quanto às considerações acerca das características inerentes a tal comportamento. Os resultados obtidos podem levar professores e pesquisadores a realizar outros estudos no sentido de entender os motivos que geram a procrastinação e até mesmo propor ações, no ambiente acadêmico, que minimizem o impacto da procrastinação sobre os resultados dos discentes.

Este estudo é justificado pela necessidade de identificação do nível de procrastinação do estudante de graduação em Ciências Contábeis na instituição onde se realizou, porque permite não só reflexões a respeito do tema, o que já se configura como um importante elemento no levantamento de discussões que visem reduzir índices de procrastinação, como também por oportunizar o conhecimento do comportamento dos bacharelados em Ciências Contábeis da Instituição de Ensino Superior (IES) investigada frente aos compromissos escolares, servindo como importante ferramenta na elaboração de instrumentos que trabalhem esse comportamento pela instituição.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

São apresentadas, nesta seção, discussões teóricas acerca do comportamento procrastinador e estudos que abordaram a temática no ambiente acadêmico.

2.1 Sobre o comportamento procrastinador

Procrastinar, no sentido etimológico do termo, pode ser entendido como adiar (FERREIRA, 2010). De origem latina é formado pela junção de dois vocábulos: *pro*, que significa à frente, e *cras*, que se refere a ‘amanhã’. *Pro cras* quer dizer, então, ‘para amanhã’. Costa (2007) explica que autores diversos também buscam conceituar o vocábulo e, embora não se verifique um consenso, tais conceitos não são essencialmente diferentes entre si.

Enquanto Sampaio, Polydoro e Rosário (2012, p. 135) indicam que “a procrastinação pode ser compreendida como uma dificuldade comportamental, cognitiva, motivacional ou ainda como uma desordem da personalidade”, Dewitte e Schouwenburg (2002) a enxergam com um comportamento dinâmico, em vista do adiamento até o momento final da tarefa a ser realizada com o posterior aumento do ritmo e intensidade de realização.

No que se refere às teorias que tentaram explicar e compreender empiricamente a procrastinação, as primeiras tentativas se deram por meio de modelos comportamentais. Embora a teoria comportamental pouco tenha contribuído para uma investigação aprofundada da procrastinação, uma vez que os argumentos lógicos utilizados não são suficientes para explicar algumas variáveis individuais, seus constructos são considerados bastantes úteis em suas implicações (FERRARI; JOHNSON; McCOWN, 1995).

Uma pessoa, ao procrastinar, tende a esperar uma punição pela não realização de seu ofício (SILVA; SILVA; VILELA, 2016). Entretanto, segundo Van Eerde (2000), quando essa punição não acontece ou quando ao invés da punição o indivíduo é reforçado com bons resultados (TUCKMAN; SCHOUWENBURG, 2004; COSTA 2007), instala-se um sentimento de que a procrastinação pode ser uma estratégia praticável, ou seja, algo que se relaciona com um comportamento constante, podendo haver uma relação entre o comportamento e suas consequências. É nesse sentido que Sampaio e Bariani (2011) compreendem a procrastinação como sendo um comportamento voluntário do indivíduo em transferir para outro momento ações, atitudes ou compromissos, mesmo havendo a possibilidade de baixo desempenho e/ou resultado negativo.

Similarmente à teoria comportamental, a teoria cognitivo-comportamental buscou, de certa forma, suprir as falhas da teoria comportamental (BAPTISTA, 2013). Considerando as teorias cognitivas e comportamentais existentes, Ferrari, Johnson e McCown (1995) destacam três tipos de comportamentos procrastinadores: crenças irracionais; relação entre procrastinação e teorias pautadas no controle da legitimidade; e perfeccionista irracional.

No primeiro caso, elevadas cobranças originadas a partir de crenças do próprio procrastinador, o qual tende a duvidar de seu potencial, acarretam falhas acompanhadas de justificativas para o fraco resultado. No segundo caso, Rothblum, Solomon e Murakami (1986) vinculam a excessiva procrastinação acadêmica ao sucesso acadêmico externo e a fatores instáveis. Entretanto, os próprios autores reconhecem que resultados de estudos desse tipo de comportamento ainda são pouco conclusivos. O perfeccionista irracional, terceiro caso, está relacionado à procrastinação acadêmica e ao excessivo perfeccionismo a ponto de o indivíduo sentir-se atormentado pelas metas impostas, por temer que seus melhores resultados não sejam suficientemente bons (BURKA; YUEN, 1991).

Além das teorias que discutem e buscam explicar a procrastinação no contexto cognitivo e comportamental, o

conceito tem sido explorado em diferentes contextos, resultando em múltiplas teorias como afirma Baptista (2013). No campo da psicanálise, Freud, que já discutia desde 1953 a procrastinação com base em suas concepções do psiquismo humano, explicava que o ato de evitar alguma tarefa pode ser interpretado como uma defesa dinâmica do ego. Nessa teoria, o material inconscientemente reprimido pode-se tornar separativo e instituir várias defesas, as quais evitariam a conclusão de atividades que o ameaçariam. (BAPTISTA, 2013).

Nessa mesma linha, as teorias psicodinâmicas consideram que experiências primárias no desenvolvimento da personalidade, como as da infância – e mais especificamente os traumas infantis – de alguma forma, podem estimular o desenvolvimento de comportamentos procrastinadores (FERRARI; JOHNSON; McCOWN, 1995). Apesar de ainda serem discutidas, Baptista (2013) afirma que essas teorias possuem restrições quanto às suas operacionalizações, visto ser incipiente o suporte empírico para avaliar suas adequações.

Sob outro enfoque, Baptista (2013) cita que a teoria dos traços da personalidade, proposta por Costa e McCrae (1992), busca entendimentos para a procrastinação nas características da personalidade despontando como mais significativo para a comunidade científica o modelo dos cinco fatores (*Big Five*). Sucintamente, essa teoria busca caracterizar a personalidade a partir destes 5 (cinco) traços/fatores: abertura à experiência, amabilidade, conscienciosidade, extroversão e neuroticismo (COSTA; MCCRAE, 1992). Esses fatores são características contínuas da personalidade que se manifestam diferentemente em cada indivíduo. (BAPTISTA, 2013).

O baixo nível de conscienciosidade (consciência e responsabilidade ou inconsciência e irresponsabilidades extremas) e elevado nível de neuroticismo (excesso de preocupação e instabilidade emocional, por exemplo) são os fatores correlacionados com a procrastinação (SCHOUWENBURG; LAY, 1995; WATSON, 2001; VAN EERDE, 2003). A conscienciosidade inclui atributos positivos (responsabilidade e honestidade) e negativos (negligência e irresponsabilidade) (COSTA; MCCRAE, 1992). Já o neuroticismo afere a relação entre adaptação e instabilidade emocional, englobando elementos como preocupação dos indivíduos, nervosismo, sentimentos de incompetência, insegurança emocional e desejos e necessidades excessivas (SCHOUWENBURG; LAY, 1995).

Apesar da carência de pesquisas científicas, na concepção de Van Eerde (2000), que fundamentem por que as pessoas adotam atitudes procrastinadoras ou como evitam os resultados, as chamadas teorias motivacionais consideram que a motivação é o que conduz os indivíduos à busca de resultados positivos, melhorando o desempenho profissional e reforçando a satisfação. Atitudes procrastinadoras podem ser apontadas como uma demonstração de como as pessoas não estão motivadas com seu trabalho e como elas esquivam-se dos resultados, ao invés de se aproximarem deles (VAN EERDE, 2000). O indivíduo é o responsável pela sua própria regulação e a procrastinação pode ser dita como uma falha nessa autorregulação (DIETZ; HOFER; FRIES, 2007), acarretando falta de motivação autodeterminada e baixa incidência no estado de fluxo (LEE, 2005).

As discussões decorrentes das múltiplas teorias conceituais sobre o tema, comumente, convergem para o entendimento de que a procrastinação resulta em redução do desempenho individual (FERRARI, 2001; DEWITTE; SCHOUWENBURG, 2002) e, por isso, em prejuízos pessoais e perdas financeiras (McCOWN; JOHNSON; PETZEL, 1989). No aspecto acadêmico, atitudes procrastinadoras estão relacionadas a notas mais baixas, atrasos no processo de estudo e na realização de trabalhos, à dificuldade de cumprir prazos e até ao aumento do índice de abandono de curso como evidenciado por Baptista (2013) e Ribeiro *et al.* (2014).

Considerando a relação de variáveis sociodemográficas individuais com a procrastinação, Costa (2007) admite que a literatura atual não trata esse tema no seu aspecto fundamental e realmente à luz das questões que envolvem as diferenças entre os gêneros. O que se encontra são estudos que avaliaram qual grupo apresenta maior nível de procrastinação, apontando principalmente as diferenças de percentuais entre ambos os sexos. Também Ribeiro *et al.* (2014) consideram não ser possível afirmar que, no ambiente acadêmico, o comportamento procrastinador apresente diferenças relacionadas ao gênero.

No que diz respeito à relação entre o período (compreendido como a série em curso) e a procrastinação parece haver falta de embasamento teórico empírico que correlacione essas duas variáveis. Todavia, McCown e Roberts (1994) asseguram que o nível de procrastinação tende a apresentar expressivo aumento durante os quatro anos de graduação enquanto, em relação à faixa etária, a idade de 20 (vinte) anos, usualmente, é o pico do comportamento procrastinador ao longo da vida. A mesma perspectiva é confirmada e discutida por Van Eerde (2003), Ferrari, O'Callaghan e Newbegin (2005) e Costa (2007), que notaram que a procrastinação decresce com o passar dos anos.

Milgram, Batori e Mowrer (1993) ponderam que alguns fatores podem aumentar ou diminuir a procrastinação conforme a idade. Em certo momento, os autores asseguram que os universitários tendem a apresentar comportamento procrastinador mais frequente que estudantes do ensino secundário, uma vez que estes são monitorados mais de perto quanto às atividades escolares de casa, são avaliados regularmente por meio de participação oral e de testes escolares frequentes.

2.2 Estudos anteriores

Em face das múltiplas teorias que explicam o aparecimento e desenvolvimento da procrastinação, vários autores desenvolveram estudos em diferentes áreas, especialmente no âmbito acadêmico. Pesquisas relacionadas à procrastinação no ambiente escolar são amplas no que se refere aos seus objetivos, utilizando como meio de investigação desde

o conceito da procrastinação como sendo uma prática ligada ao comportamento, passando pela identificação de seus padrões com base nas teorias motivacionais e traços de personalidade, chegando até, em casos específicos, a análises focadas nas consequências da procrastinação e na relação com o gênero (RIBEIRO *et al.*, 2014).

Solomon e Rothblum (1984) e Milgram, Sroloff e Rosenbaum (1988), em estudos empíricos, confirmaram a teoria comportamental. Em suas investigações, os autores, trabalhando com estudantes universitários, observaram que as atividades que não agradavam, que aborreciam ou que fossem de difícil realização estariam propensas a serem adiadas com maior frequência. Sobre o estudo de Solomon e Rothblum (1984) buscou-se verificar a frequência da procrastinação acadêmica e analisar os motivos desse comportamento. Para tanto, os pesquisadores elaboraram a escala *Procrastination Assessment Scale-Students* (PASS), que foi dividida em duas seções, sendo que a primeira procura verificar a frequência da procrastinação nas tarefas acadêmicas e a segunda volta-se para os motivos a ela relacionados.

Com base no uso da escala PASS, os resultados de pesquisa com estudantes da disciplina de Introdução à Psicologia, do ano de 1982, da *University of Vermont* (EUA), confirmaram que a procrastinação transcende o conceito de simples deficiência na gestão do tempo de estudo e configura-se de maneira complexa resultante de uma associação entre elementos afetivos, cognitivos e comportamentais. O medo do fracasso e a aversão à tarefa foram os motivos mais citados que justificam a procrastinação. (SOLOMON; ROTHBLUM, 1984). A procrastinação foi confirmada, também, em 1986, nessa mesma universidade e na mesma disciplina por Rothblum, Solomon e Murakami (1986).

Dewitte e Schouwenburg (2002) avaliaram o comportamento e as intenções de estudo dos discentes na preparação para um exame final e, para tal, consideraram a hipótese de que os estudantes iriam aumentar gradativamente o comportamento de estudo conforme o prazo final se aproximava e teriam um *sprint* nos momentos finais. Entretanto, na avaliação dos resultados, os autores indicaram que uma curva hiperbólica em formato de U poderia explicar melhor as intenções e as horas de estudo que uma curva gradativa. Identificaram, ainda, que a procrastinação é funcional até certo ponto, ou seja, a submissão à excessiva carga de estudo por várias semanas antes de um exame não seria proveitosa, pois levaria ao esquecimento.

Em outras oportunidades, alguns autores analisaram também a relação da variável gênero do indivíduo com o comportamento procrastinador (COSTA, 2007; BALKIS; DURU, 2009; ISKENDER, 2011). Contudo, os dados desses estudos não apresentam resultados consensuais: em alguns resultados as mulheres se mostram mais propensas à procrastinação e em outros os homens são mais procrastinadores. Quanto à variável idade, Costa (2007) admite a redução da procrastinação com seu avanço, argumentando que níveis maiores de procrastinação concentram-se nas populações mais jovens.

No Brasil, Sampaio e Bariani (2011) já confirmaram que 82% dos estudantes apresentaram comportamento procrastinador. Com foco específico em Ciências Contábeis, estudo recente de Ribeiro *et al.* (2014) investigou a relação entre o comportamento procrastinador e o desempenho acadêmico de graduandos em Ciências Contábeis de três instituições de ensino superior utilizando como instrumento de pesquisa a escala psicométrica elaborada por Lay, em 1986. Os autores verificaram, também, se a variável gênero interfere no comportamento procrastinador. Os resultados indicaram baixo desempenho escolar associado a altos níveis de procrastinação, mas não rejeitaram a hipótese nula de inexistência de diferença entre o nível de procrastinação e os gêneros dos acadêmicos.

Quanto aos estudos que relacionam o período, considerado este como a série em que o estudante de graduação encontra-se no curso, com os níveis de procrastinação, são poucos os dados consistentes que suportem um posicionamento referente a essa associação.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para a realização deste estudo descritivo, classificado também como exploratório e com abordagem quantitativa, foram efetuadas pesquisas bibliográficas em fontes diversas para discussão dos estudos relacionados à procrastinação e, de maneira mais específica, sobre o comportamento procrastinador de estudantes universitários.

Quanto aos procedimentos para coleta de dados foi feito levantamento, do tipo *survey*, com estudantes dos cursos de graduação em Ciências Contábeis da Faculdade de Ciências Integradas do Pontal, na Universidade Federal de Uberlândia (UFU), com o objetivo de investigar se os períodos diferenciados do curso influenciam a procrastinação de atividades, e ainda ampliar as discussões que investigam a associação entre o comportamento procrastinador e o desempenho acadêmico analisando se existe associação entre gênero e condição de trabalho com a procrastinação.

Destaca-se, quanto a este estudo, que se trata de uma replicação parcial do trabalho de Ribeiro *et al.* (2014), propondo objetivos de pesquisa semelhantes. Todavia, a população e a abordagem metodológica são distintas. A fim de ampliar as discussões foi introduzida a variável período (série) em curso para verificar como se apresenta o comportamento procrastinador dos discentes nos diferentes períodos do curso de Ciências Contábeis. A variável condição de trabalho também foi associada ao comportamento procrastinador. A proposta metodológica para tratamento dos dados distingue-se daquela utilizada no estudo replicado, pois nesta investigação optou-se pelo uso da Análise de Correspondência (ANACOR) devido à abordagem quantitativa empregada nas variáveis qualitativas coletadas.

A ANACOR foi utilizada não apenas por ser um tratamento estatístico diferenciado, mas também porque permite uma visão multidimensional na relação entre variáveis qualitativas, por meio de mapas perceptuais, possibilitando uma interpretação mais versátil. Na elaboração dos mapas perceptuais, a ANACOR converte todos os pontos oriundos das

colunas e linhas de dados de forma a normalizar simetricamente as variáveis principais, resultando um mapa simétrico de dados no espaço multidimensional. A ANACOR também se caracteriza por ser uma técnica exploratória, gerando, desta forma, indícios e tendências que poderão ser confirmados por meio de outras técnicas estatísticas. (FÁVERO; BELFIORE, 2015).

Quanto ao instrumento de pesquisa adaptou-se o questionário de procrastinação de Lay (1986), o qual foi elaborado em língua inglesa (versão original) e é composto por 20 (vinte) questões divididas igualmente em assertivas com caráter procrastinador e não procrastinador. Após sua tradução, feita por profissional conhecedor da língua inglesa à semelhança do procedimento adotado no estudo de Ribeiro *et al.* (2014), fez-se a adaptação.

No instrumento de pesquisa de Lay (1986) as questões indicam itens diferentes para estudantes e não estudantes (questões 2, 3, 10, 13 e 14) e as adaptações realizadas foram no sentido de adequar essas questões a um contexto acadêmico. Essa adaptação não compromete a estrutura e o sentido do instrumento original, permanecendo 10 questões que caracterizam o estudante como procrastinador e outras 10 que caracterizam o comportamento como não procrastinador.

As questões foram distribuídas de forma intercalada sendo que as ímpares indicam um comportamento procrastinador, em caso de resposta positiva, e as pares, em caso de resposta negativa, indicam comportamento não procrastinador. Nesse sentido, as questões ímpares, por exemplo, em caso de uma resposta discordante (negativa), caracterizam os discentes como não procrastinadores; o inverso aplica-se às questões pares.

As respostas para as questões foram elaboradas segundo os critérios da escala de *Likert*, na qual os respondentes informam o grau de caracterização que a assertiva possui para si. As opções de respostas foram distribuídas, no instrumento de coleta de dados, em uma escala com cinco pontos, sendo: (1) discordo totalmente, (2) discordo parcialmente, (3) não discordo/nem concordo, (4) concordo parcialmente, e (5) concordo totalmente.

Ainda sobre o instrumento de pesquisa foi solicitado que o discente informasse o número de matrícula, o gênero e sua condição de emprego, se trabalha ou não, justamente para realizar a Análise de Correspondência entre essas variáveis e o comportamento.

O instrumento de pesquisa, depois das adaptações, pode ser visualizado no Quadro 1.

Quadro 1 – Questionário de procrastinação

1. Eu frequentemente me vejo realizando tarefas hoje que eu deveria ter realizado em dias anteriores.
2. Quando termino de ler um livro da biblioteca, eu o devolvo de imediato, independentemente da data programada para devolução.
3. Eu não faço trabalhos escolares até pouco antes do prazo em que eles devem ser entregues.
4. Quando é hora de me levantar de manhã, na maioria das vezes, saio direto para fora da cama.
5. Um e-mail depois de lido pode aguardar vários dias antes de ser respondido.
6. Eu geralmente retorno telefonemas prontamente.
7. Mesmo com tarefas que exigem pouco esforço, apenas sentar-se e fazê-las, eu vejo que elas raramente são concluídas, ficando pendentes por dias.
8. Eu geralmente tomo decisões o mais rápido possível.
9. Eu geralmente demoro a iniciar o trabalho que tenho que fazer.
10. Ao me preparar para sair, eu raramente tenho que fazer algo no último minuto.
11. Eu geralmente tenho que me apressar para concluir uma tarefa a tempo.
12. Prefiro sair mais cedo para um compromisso.
13. Na preparação para algum prazo final, muitas vezes eu perco tempo fazendo outras coisas.
14. Costumo começar um trabalho logo após ele me ser atribuído.
15. Eu sempre pareço terminar trabalhos escolares no último minuto.
16. Frequentemente termino uma tarefa mais cedo do que o necessário.
17. Eu costumo comprar até mesmo um item essencial na última hora.

18. Eu normalmente faço todas as coisas que planejo fazer em um dia.

19. Estou continuamente dizendo: “Eu vou fazer isso amanhã”.

20. Eu costumo finalizar todas as tarefas que tenho para fazer antes de me acalmar e relaxar para a noite.

Fonte: Adaptado de Lay (1986).

A coleta de dados foi realizada presencialmente mediante a aplicação do instrumento de pesquisa, pelos autores, junto aos discentes em suas salas de aula. A população compunha-se de 167 (cento e sessenta e sete) estudantes matriculados e frequentes no segundo semestre de 2015. O retorno foi de 100 respostas, o que equivale a aproximadamente 60% da população da pesquisa. Como nessa instituição o curso de Ciências Contábeis é oferecido anualmente e a coleta de dados foi realizada no segundo semestre, a amostra é composta por estudantes do 2º, 4º, 6º 8º e 10º períodos.

Sobre a proposta metodológica para tratamento e análise das informações optou-se por não converter o conjunto de dados para variáveis quantitativas e utilizar o teste de correlação, que foi a proposta de Ribeiro *et al.* (2014). No estudo em tela, optou-se por manter o conjunto de dados obtidos em sua forma qualitativa (variáveis categóricas) para aplicação da Análise de Correspondência. Por serem utilizadas variáveis diferentes, quanto à sua natureza, não se consideram adequadas eventuais comparações entre métodos qualitativos e quantitativos, devendo, na melhor das hipóteses, considerá-los complementares.

Para variáveis qualitativas fez-se o uso das técnicas de Análise de Correspondência (ANACOR), que avaliam a significância das similaridades e diferenças de comportamento entre variáveis e categorias sugeridas. A ANACOR determina as coordenadas das categorias utilizando tabelas cruzadas com base na distribuição dos dados e, a partir de então, elabora mapas perceptuais, os quais são “diagramas de dispersão que representam as categorias das variáveis na forma de pontos em relação a eixos de coordenadas ortogonais” evidenciando suas associações. (FÁVERO; BELFIORE, 2015, p. 178).

Para investigar se existe relação entre o nível de procrastinação, o desempenho acadêmico e o gênero, foram elaborados os mapas perceptuais e verificadas as associações entre essas variáveis. Buscou-se, também, confirmar por meio da ANACOR se há diferença de comportamento – procrastinador/não procrastinador – ao longo dos períodos em que o estudante se encontra no curso e devido à condição de emprego. A admissão da última variável se justificou porque não foram encontrados, na literatura nacional e internacional, estudos que investigassem a variável período (série em curso) e sua relação com a procrastinação.

A identificação dos estudantes foi realizada mediante o somatório das respostas, sendo rotulados como procrastinadores aqueles que apresentaram maior frequência de respostas positivas em questões de caráter procrastinador somadas às respostas negativas para as questões de caráter não procrastinador. O procedimento foi similar para o rótulo de não procrastinador.

Como exemplo do procedimento, no Quadro 2, apresenta-se uma simulação que evidencia o manejo dos dados. As afirmativas ímpares caracterizam o comportamento procrastinador enquanto as afirmativas de natureza par, o comportamento não procrastinador. Se o respondente assinalasse suas respostas conforme a situação apresentada, seu comportamento seria classificado como não procrastinador.

As respostas do ponto 3 (não discordo/nem concordo) da escala de Likert foram classificadas como um elemento neutro, não sendo possível indicar se o estudante tende a apresentar um comportamento procrastinador ou não, ou seja, na ausência de caracterização clara o comportamento não foi esclarecedor e, portanto, não foi explorado nas discussões.

Quadro 2 – Exemplificação da simulação de respostas obtidas

Afirmativas	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
1. Eu frequentemente me vejo realizando tarefas hoje que eu deveria ter realizado em dias anteriores.	X				
2. Quando termino de ler um livro da biblioteca, eu o devolvo de imediato, independentemente da data programada para devolução.					X
3. Eu não faço trabalhos escolares até pouco antes do prazo em que eles devem ser entregues.		X			
4. Quando é hora de me levantar de manhã, na maioria das vezes, saio direto para fora da cama.				X	

Fonte: Dados da pesquisa.

O desempenho acadêmico foi definido com base no valor do Coeficiente de Rendimento Acadêmico (CRA), indicador de rendimento acadêmico utilizado na IES investigada. As informações relativas ao CRA foram obtidas junto à Pró-Reitoria de Graduação (PROGRAD) após autorização da coordenação do curso em tela.

Para a classificação do CRA, em alto, médio e baixo, adotou-se a seguinte categorização: (i) 100 – 80: CRA alto; (ii) 79 – 60, CRA médio; (iii) 59 a 0, CRA baixo. Apesar de ser uma classificação arbitrária entendeu-se como baixo o valor de até 59 daqueles discentes que estão abaixo da média exigida para aprovação nas disciplinas do curso. Embora o valor do CRA seja uma medida quantitativa, realizou-se sua conversão para dados qualitativos para fins das exigências da ANACOR.

Além da categorização do CRA, foi utilizada uma variável *dummy* para as variáveis qualitativas como o gênero e a situação de emprego: se o estudante trabalha ou não. Atribuiu-se a *dummy* 1 para feminino e 2 para masculino. Também foi atribuído 1 para aqueles estudantes que trabalham e 2 para os que não trabalham.

No tratamento dos dados, com o auxílio do *software IBM Statistical Package for Social Science (SPSS) 21*, foi utilizada, inicialmente, estatística descritiva para estruturação das informações. Os resultados da Análise de Correspondência foram apresentados por meio dos mapas perceptuais.

4 DISCUSSÃO DOS DADOS

A UFU, instituição pública federal localizada em Uberlândia (MG), possui duas faculdades que oferecem o curso de graduação em Ciências Contábeis: a Faculdade de Ciências Contábeis (FACIC) localizada na sede, em Uberlândia; e a Faculdade de Ciências Integradas do Pontal (FACIP), instituição fora da sede, em Ituiutaba (MG) no *campus* Pontal (UFU, 2009), resultante do processo de expansão universitária. Nesta IES, o curso de Ciências Contábeis, autorizado pela Resolução do Conselho Universitário (CONSUN) n.º 02/2006, iniciou-se em 2007, na modalidade de educação presencial com carga horária de 3.120 horas (MEC, 2015). Atualmente são ofertadas 40 vagas anuais e o curso é integralizado em cinco anos, admitindo-se o mínimo de 04 (quatro) anos e máximo de 07 (sete) anos, em período noturno. (FACIP, 2009).

As informações descritivas da população investigada referentes ao gênero e ao coeficiente de rendimento acadêmico, de acordo com o período que os estudantes cursavam à época da coleta de dados, são apresentadas na Tabela 1.

Tabela 1 – Características gerais dos discentes por gênero e CRA, segundo o período cursado

Variáveis	Períodos										Total		
	2°		4°		6°		8°		10°		f	f(%)	
	f	f(%)	f	f(%)	f	f(%)	f	f(%)	f	f(%)			
Gênero	Feminino	13	59,1	10	58,8	07	38,9	09	47,4	13	54,2	52	52,0
	Masculino	<u>09</u> 22	<u>40,9</u> 100,0	<u>07</u> 17	<u>41,2</u> 100,0	<u>11</u> 18	<u>61,1</u> 100,0	<u>10</u> 19	<u>52,6</u> 100,0	<u>11</u> 24	<u>45,8</u> 100,0	<u>48</u> 100	<u>48,0</u> 100,0
CRA	Alto	09	40,9	07	41,2	02	11,1	05	26,3	08	33,3	31	31,0
	Médio	10	45,5	05	29,4	09	50,0	10	52,6	13	54,2	47	47,0
	Baixo	<u>03</u> 22	<u>13,6</u> 100,0	<u>05</u> 17	<u>29,4</u> 100,0	<u>07</u> 18	<u>38,9</u> 100,0	<u>04</u> 19	<u>21,1</u> 100,0	<u>03</u> 24	<u>12,5</u> 100,0	<u>22</u> 100	<u>22,0</u> 100,0

Fonte: Dados da pesquisa (2015).

Apesar de a maioria (52,0%) dos respondentes serem do gênero feminino, observou-se uma divisão quase perfeitamente equivalente quanto ao gênero (aproximadamente 50,0% de cada sexo). Quase a metade (47,0%) dos graduandos possui um CRA categorizado como médio e a maior parte (24,0%) dos estudantes encontra-se no último período do curso.

Embora o CRA dos discentes tenha sido categorizado para utilização como uma variável qualitativa, efetuou-se a análise descritiva dos dados quantitativos do CRA como apresentado na Tabela 4. Constatou-se que os estudantes tiveram um desempenho médio de 70,0689, corroborando a informação anterior de que a maioria dos discentes (47,0%) possui CRA médio (Tabela 1). Quanto aos extremos dos resultados verifica-se que o CRA mínimo é de 0 e o máximo é de 96,8.

Tabela 2 – Análise descritiva da variável CRA

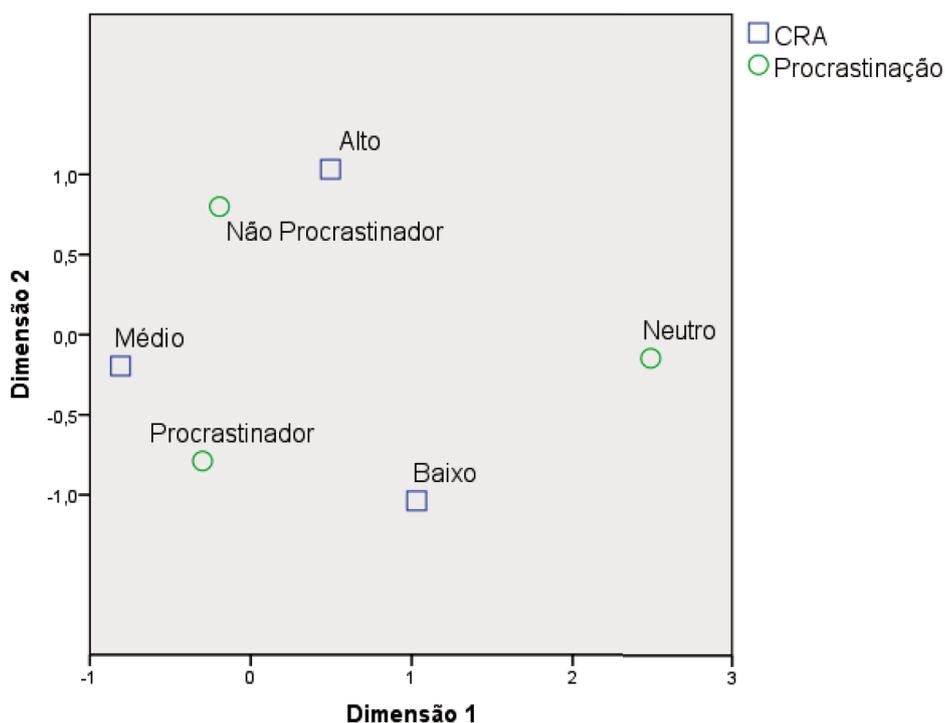
	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio-padrão
CRA	100	,00	96,80	70,0689	15,49349
N válido (de lista)	100				

Fonte: Dados da pesquisa.

Para a Análise de Correspondência categorizou-se, na sequência, o comportamento dos respondentes em procrastinador ou não procrastinador. Conforme exemplificação na Tabela 1, a análise das respostas mostra que o perfil de 46 (quarenta e seis) discentes classificou-se como não procrastinador; 45 (quarenta e cinco) possuem comportamento procrastinador, enquanto as respostas de 09 (nove) estudantes apontaram um comportamento neutro – nessa situação as assertivas assinaladas se localizaram no ponto 3 da escala de Likert, em que o respondente não concordou nem discordou ao assinalar a afirmativa.

A Análise de Correspondência para as variáveis 'Procrastinação' e 'CRA' é apresentada na Figura 1, por meio do mapa perceptual. É possível destacar que o comportamento 'Não Procrastinador' dos estudantes do curso de Ciências Contábeis da IES investigada está mais associado ao Alto desempenho acadêmico, porém com maior proximidade ao Médio rendimento. Os resultados divergem parcialmente daqueles apontados em Ribeiro *et al.* (2014) nos quais foi constatado que estudantes com altos níveis de procrastinação apresentavam desempenho escolar reduzido.

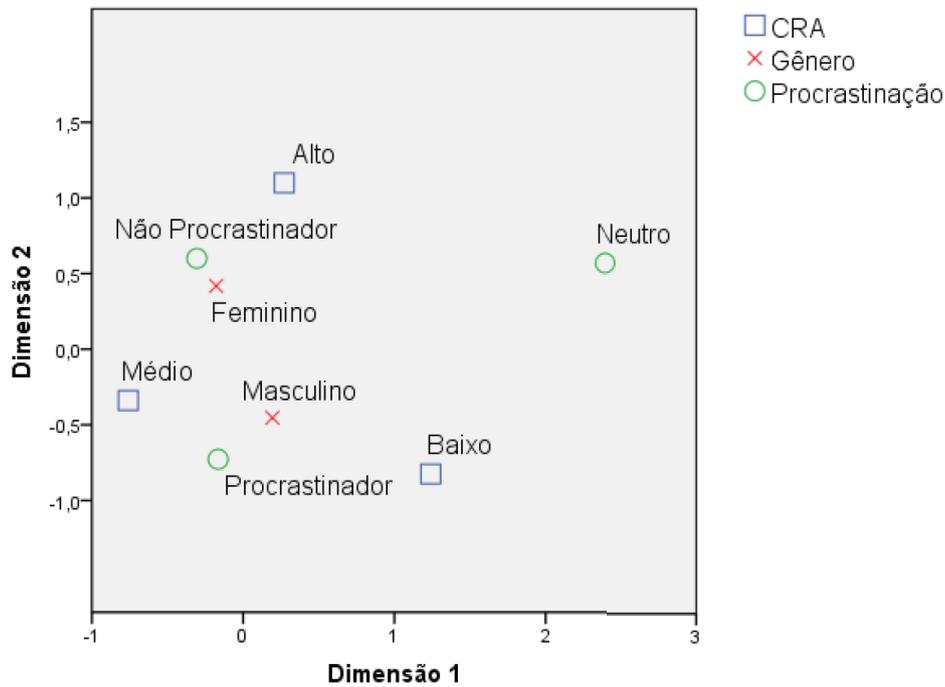
Figura 1 – Mapa perceptual para Procrastinação e Coeficiente de Rendimento Acadêmico



Fonte: Dados da pesquisa (2015).

Com relação à Análise de Correspondência que verifica a associação da variável 'Gênero' ao comportamento procrastinador – 'Procrastinação', na Figura 2 está apresentada a associação dessas duas variáveis com o 'CRA', definido como variável para desempenho acadêmico. Verifica-se que a categoria 'Feminino' apresenta forte associação com a categoria 'Não Procrastinador', mas encontra-se entre as categorias 'Alto' e 'Médio' CRA. Já a categoria 'Masculino' está mais associada à classificação 'Procrastinador', situando-se entre as 'Médio' e 'Baixo' rendimento. Corroboram-se os achados do estudo de Ribeiro *et al.* (2014) no qual se confirmou que estudantes do gênero masculino tendem a ser mais procrastinadores.

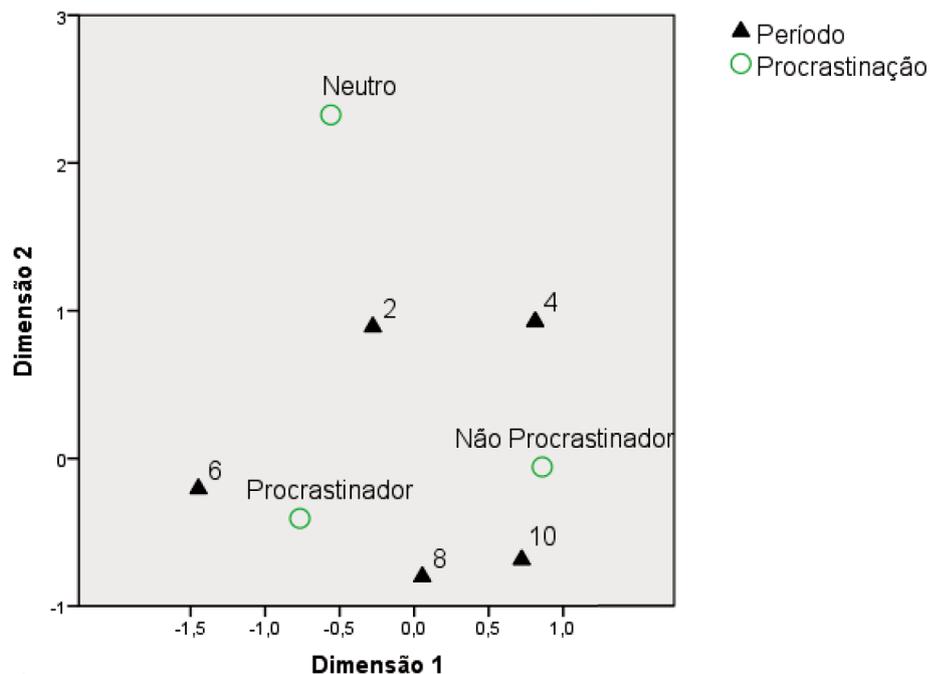
Figura 2 – Mapa perceptual para Gênero, Procrastinação e CRA



Fonte: Dados da pesquisa.

No sentido de atender ao objetivo principal desta pesquisa e identificar se o período do curso influencia a procrastinação das atividades foram cruzadas as informações acerca das variáveis 'Período' e 'Procrastinação', cujo mapa perceptual é visualizado na Figura 3.

Figura 3 – Mapa perceptual para Período e Procrastinação

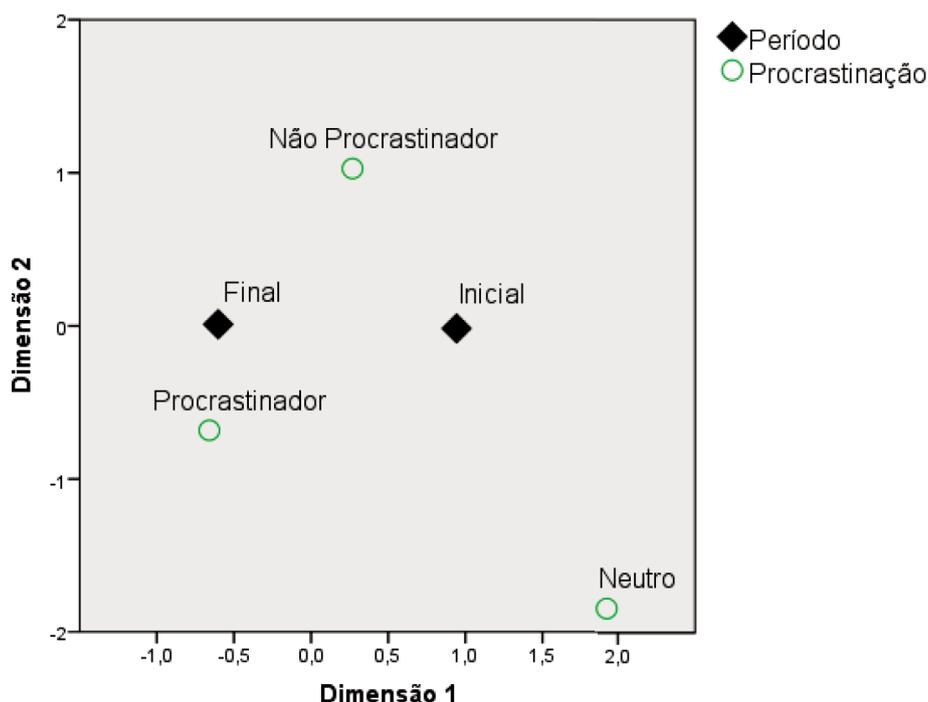


Fonte: Dados da pesquisa.

Observa-se que as variáveis encontram-se dispersas no mapa perceptual. Analisando-se a dispersão existente entre a associação do comportamento procrastinador com o período em que o estudante encontra-se no curso verifica-se que tanto os discentes do 4º período quanto os do 10º período estão mais associados à classe 'Não Procrastinador'. Já os estudantes do 6º e do 8º período estão associados à categoria 'Procrastinador'. Entretanto, embora os alunos do 2º período estejam mais associados à categoria 'Não Procrastinador', não se pode deixar de considerar sua associação, também, à categoria 'Procrastinador'.

A fim de reduzir a dispersão das variáveis de forma a investigar se há diferença entre os períodos iniciais e finais do curso de Ciências Contábeis, na IES *locus* da investigação, nova Análise de Correspondência foi feita a partir da classificação em categoria Inicial do 2º e 4º períodos e, em categoria Final, o 6º, o 8º e o 10º período. A classificação do 6º período na categoria Final deve-se ao entendimento de que os estudantes desse período, em condições normais, se encontram mais próximos da conclusão do curso.

Figura 4 – Mapa perceptual para períodos Inicial e Final e Procrastinação

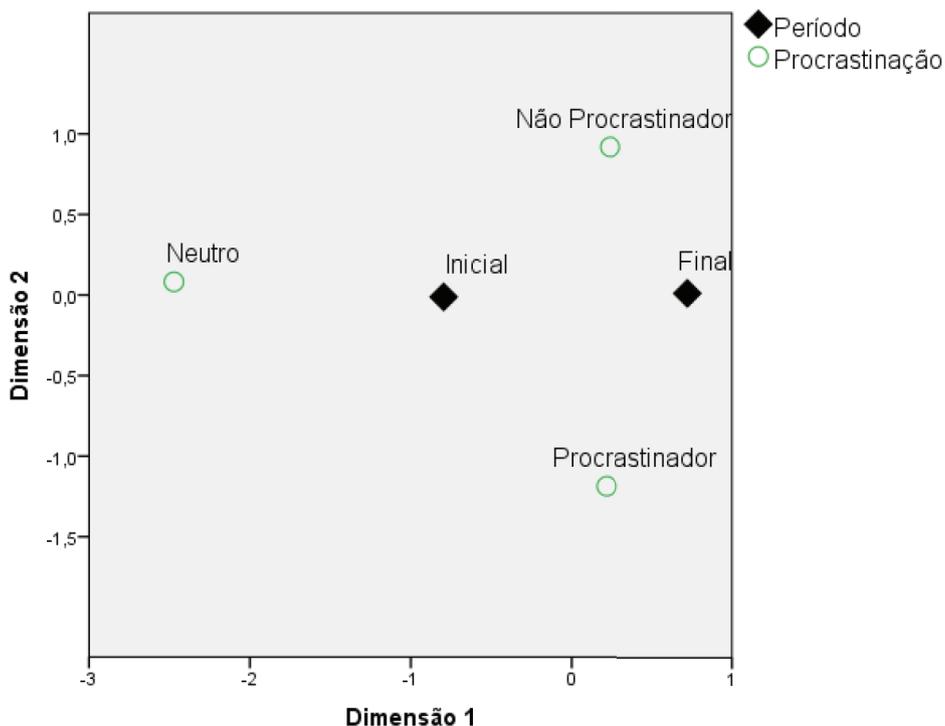


Fonte: Dados da pesquisa.

No mapa perceptual com as coordenadas das categorias 'Período' e 'Procrastinação', Figura 4, observa-se que ambas as categorias, Final e Inicial, estão localizadas entre as classes 'Não Procrastinador' e 'Procrastinador'. No entanto, a categoria 'Final' encontra-se mais associada ao comportamento 'Procrastinador', entendendo-se que alunos que estão na fase de conclusão do curso tendem a ser mais procrastinadores que aqueles na fase inicial.

O resultado apresentado no mapa perceptual da Figura 4 poderia não retratar fielmente a associação devido ao número de observações em cada categoria – foram considerados dois e três períodos como Inicial e Final, respectivamente. A fim de refinar a ANACOR, nova simulação foi realizada excluindo o 6º período, considerado como intermediário, entre os períodos Inicial e Final. Sua exclusão não alterou a dispersão das categorias (Figura 5) e, não é possível, a partir do resultado, afirmar com segurança existir maior associação da variável período cursado com o comportamento procrastinador.

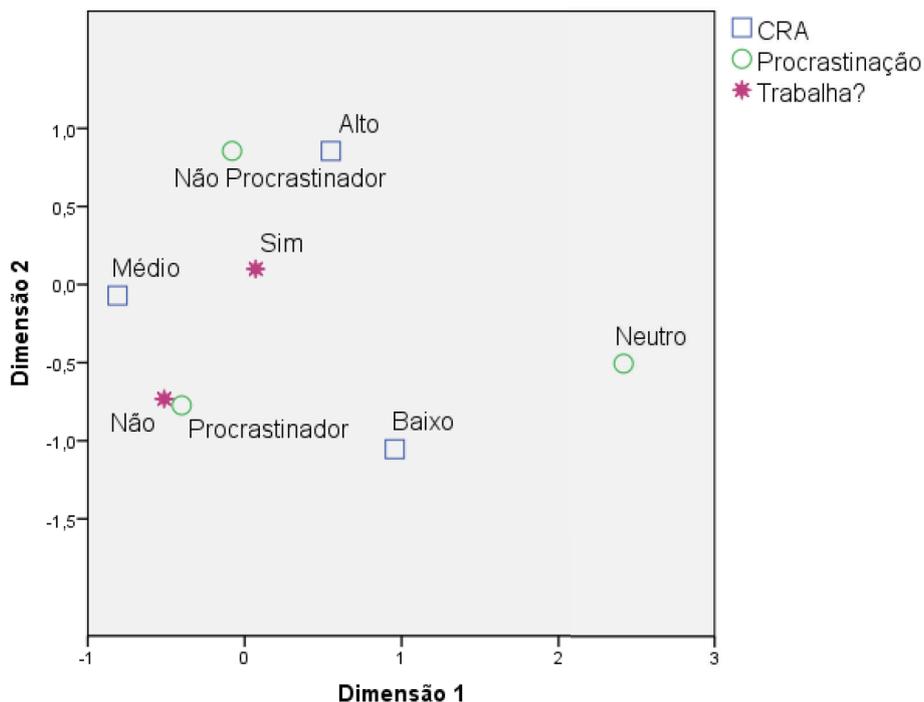
Figura 5 – Mapa perceptual – períodos Inicial e Final, exclusive o 6º período, e Procrastinação



Fonte: Dados da pesquisa.

Adicionalmente, analisou-se se o fato de o discente trabalhar ou não apresentar associação com seu rendimento acadêmico e a procrastinação. A ANACOR (Figura 6) destaca a associação das variáveis 'CRA' e 'Procrastinação' com a variável 'Trabalho'.

Figura 6 – Mapa perceptual para Coeficiente de Rendimento Acadêmico, Procrastinação e Trabalho



Fonte: Dados da pesquisa.

Ao analisar o gráfico na Figura 6 constata-se que a categoria Não (Trabalho) está fortemente associada à categoria Procrastinador, e pouco associada à categoria Alto (CRA). A associação é mais evidente às categorias Médio (CRA) e Baixo (CRA). Os indícios resultantes da análise evidenciam que estudante que não trabalha tende a apresentar comportamento procrastinador. No caso da categoria Sim (Trabalho), ela encontra-se em uma região central entre Não Procrastinador e Procrastinador, porém com mais proximidade à primeira. Outra informação interpretada a partir da visualização da Figura 6 é que a categoria Sim (Trabalho) ocupa uma posição equidistante entre Alto, Médio e Baixo (CRA).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscou-se, neste estudo, investigar, por meio da técnica de Análise de Correspondência (ANACOR), se a seriação, compreendida como os diferentes períodos cursados pelos discentes no curso de Ciências Contábeis da FACIP-UFU, influencia a procrastinação das atividades acadêmicas. A discussão apresentada foi uma tentativa de contribuir aos estudos dessa natureza, baseando-se na pesquisa realizada por Ribeiro *et al.* (2014), com o objetivo de ampliar os achados e discussões, no sentido de verificar se tais resultados são similares. A fim de introduzir novos elementos para discussão inseriu-se a variável período, considerada como a série do curso, no qual o discente se encontrava matriculado para sua associação com o comportamento procrastinador. Adicionalmente associou-se a condição de trabalho do discente à procrastinação e CRA. Propôs-se, ainda, um tratamento metodológico qualitativo para as variáveis.

Os resultados indicam que os estudantes dos períodos finais do curso estão mais associados a um comportamento procrastinador. Não é possível afirmar o mesmo daqueles que estão iniciando o curso, uma vez que a dispersão verificada por meio de mapas perceptuais evidencia uma posição quase que equidistante entre ter um comportamento procrastinador ou não procrastinador.

Com relação à associação do gênero do estudante com o comportamento procrastinador, verificou-se que os discentes do gênero feminino associam-se a um comportamento não procrastinador, enquanto estudantes do gênero masculino estão mais associados à procrastinação. Este resultado pode ser um importante indicativo nas investigações a respeito da procrastinação referente ao gênero do discente, visto que essa relação não é conclusiva nas análises de Costa (2007), Balkis e Duru (2009), Iskender (2011) e Ribeiro *et al.* (2014).

Relativamente à investigação entre o comportamento procrastinador e o rendimento acadêmico do estudante, mensurado por meio do CRA, identificou-se que os que responderam ter comportamento procrastinador estão associados a um rendimento acadêmico de baixo a médio, ao passo que aqueles cujo comportamento foi classificado como não procrastinador possuem um rendimento acadêmico de médio a alto. Tais resultados são consoantes com as discussões de Baptista (2013) e Ribeiro *et al.* (2014), cujos estudos preocuparam-se com os resultados negativos que a procrastinação pode causar no rendimento acadêmico do estudante.

Uma constatação a ser destacada refere-se à análise de uma variável não contemplada no estudo de Ribeiro *et al.* (2014): a situação de emprego do discente, ou seja, se este trabalha ou não. Notou-se que a variável Não (trabalho) apresentou forte associação ao comportamento procrastinador. No que tange à formação dos futuros profissionais contábeis, é interessante observar que o fato de já trabalhar parece minimizar o comportamento procrastinador, o que pode ser um indicativo de que no exercício profissional essa condição se mantenha.

Foi possível identificar que os discentes do curso de Ciências Contábeis da IES investigada apresentam, sim, comportamento procrastinador, mas essa conduta mostra diferenças ao longo dos anos (períodos do curso) nos quais os estudantes estão matriculados. É oportuno afirmar que, com base na metodologia utilizada, estudantes de períodos finais são mais procrastinadores que aqueles de períodos iniciais. No entanto, não é possível realizar inferências sobre os motivos desse comportamento nos períodos finais, ou tão pouco, tecer considerações sobre um possível incentivo, ainda que não intencionalmente, pelo próprio curso no decorrer dos semestres.

A procrastinação no ambiente acadêmico torna-se preocupante no momento em que se trabalha com a concepção de que a universidade é um espaço de preparação para a vida profissional, especialmente, na área contábil em que o contador deve observar e cumprir prazos e limites de tempo diariamente. Apesar de serem os discentes os procrastinadores, não somente eles podem ser considerados culpados nesse processo. Deve haver, com base em estudos que investigam temáticas iguais ou afins à proposta neste trabalho, a possibilidade de sugestões e implementação de ações, por parte das instituições de ensino, que enfatizem a importância do cumprimento de prazos para o sucesso tanto das atividades acadêmicas quanto do exercício profissional futuro.

As contribuições deste estudo não se limitam apenas ao reconhecimento do comportamento procrastinador dos discentes de uma IES, mas também à associação deste comportamento com outras variáveis como o desempenho acadêmico e o gênero, objetos de discussão em diversos estudos. Buscou-se também analisar a inserção de variáveis ainda não investigadas como a situação de emprego (se trabalha ou não) e o período em curso. Ademais, a metodologia para análise de dados de variáveis qualitativas utilizadas nesta pesquisa não é usual. Trabalhos que investigaram a temática relacionada à procrastinação têm proposto quantificar variáveis que, em tese, são qualitativas e estabelecem relações quando deveriam promover somente associações.

Algumas limitações são destacadas, como a análise do perfil de discentes de uma única faculdade, o que restringe

os resultados apresentados a esta IES, impedindo qualquer generalização dos dados obtidos. Outra limitação refere-se ao índice de respostas alcançado: apenas 60% da população participaram da pesquisa, o que inviabiliza a emissão de comentários conclusivos sobre a população-alvo.

Novos estudos podem ser realizados em outras IES sugerindo-se comparações entre os resultados, especialmente considerando os diferentes períodos em curso e a situação de emprego. Também, sugere-se o uso de outras variáveis, presentes no contexto acadêmico, que podem influenciar o comportamento do discente ao realizar suas atividades. Em instituições que possuem dois cursos de graduação em Ciências Contábeis, como é o caso da Universidade Federal de Uberlândia, estudos comparativos são sugeridos para identificar não só as associações entre o comportamento e o rendimento acadêmico, mas também os resultados entre os cursos.

REFERÊNCIAS

BALKIS, M.; DURU, E. Prevalence of academic procrastination behavior among pre-service teachers, and its relationship with demographics and individual preferences. *Journal of Theory and Practice in Education*, v. 5, n. 1, pp. 18-32, 2009. Disponível em: <https://www.researchgate.net/profile/Murat_Balkis/publication/26581257_Prevalence_of_academic_procrastination_behavior_among_pre-service_teachers_and_its_relationships_with_demographics_and_individual_preferences/links/0deec517f836d157ad000000.pdf>. Acesso em: 18 maio 2015.

BAPTISTA, A. S. *Procrastinação para o estudo e autoeficácia acadêmica em alunos do 3º ciclo e ensino secundário: relação com o rendimento escolar e o nível socioeconômico*. 2013. 93 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia da Educação) – Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real, Portugal, 2013. Disponível em: <<https://repositorio.utad.pt/handle/10348/2793>>. Acesso em: 18 maio 2015.

BURKA, J.; YUEN, L. *Procrastinação*. São Paulo: Nobel, 1991.

COSTA, M. D. S. *Procrastinação, autorregulação e gênero*. 2007. 123 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade do Minho, Portugal, 2007. Disponível em: <<https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/6961/1/TESE%2520Completa%2520%28%29.pdf>>. Acesso em: 18 maio 2015.

COSTA, P. T.; McCRAE, R. R. *Revised neo-personality inventory (NEO-PI-R) and neo five-factor inventory (NEO-FFI) professional manual*. Odessa, FL.: Psychological Assessment Resources, 1992.

DEWITTE, S.; SCHOUWENBURG, H. Procrastination, temptation and incentives: the struggle between the present and the future in procrastinators and the punctual. *European Journal of Personality*, v. 16, n. 6, pp. 469-489, 2002. Disponível em: <<https://feb.kuleuven.be/public/ndbad99/papers%20blog/BEFORE2006/Dewitte%20Schouwenburg%20EJP%202002%20procrastination%20present%20future.pdf>>. Acesso em: 18 maio 2015.

DIETZ, F.; HOFER, M.; FRIES, S. Individual values, learning routines and academic procrastination. *British Journal of Educational Psychology*, v. 77, n. 4, pp. 893-906, 2007. Disponível em: <<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/17971288>>. Acesso em: 08 maio 2015.

ENUNO, S. R. F.; KERBAUY, R. R. Procrastinação: descrição de comportamentos de estudantes e transeuntes de uma capital brasileira. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, v. 1, n. 2, pp. 125-133, 1999. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbtcc/v1n2/v1n2a03.pdf>>. Acesso em 08 maio 2015.

FACULDADE DE CIÊNCIAS INTEGRADAS DO PONTAL (FACIP). *Curso de Ciências Contábeis, 2009*. Disponível em: <<http://www.facip.ufu.br/cienciascontabeis>>. Acesso em: 08 jan. 2015.

FÁVERO, L. P.; BELFIORE, P. *Análise de dados: técnicas multivariadas exploratórias*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2015.

FERRARI, J. R.; JOHNSON, J. L.; McCOWN, W. G. *Procrastination and task avoidance: Theory, research and treatment*. New York: Plenum Press, 1995.

_____. Procrastination as self-regulation failure of performance: effects of cognitive load, self-awareness, and time limits on 'working better under pressure'. *European Journal of Personality*, v. 15, n. 5, pp. 391-406, 2001. Disponível em: <<http://www.ingentaconnect.com/content/jws/per/2001/00000015/00000005/art00413>>. Acesso em: 18 maio 2015.

_____; BECK, B. L. Affective responses before and after fraudulent excuses by academic procrastinators. *Education*, v. 118, n. 4, pp. 529-538, 1998. Disponível em: <https://www.researchgate.net/profile/Joseph_Ferrari3/publication/276354353_Affective_Responses_Before_and_After_Fraudulent_Excuses_by_Academic_Procrastinators/links/5557a4e508aeaaff3bf771be.pdf>. Acesso em: 11 out. 2016.

_____; O'CALLAGHAN, J.; NEWBEGIN, I. Prevalence of procrastination in the United States, United Kingdom, and Australia: arousal and avoidance delays among adults. *North American Journal of Psychology*, v. 7, n. 1, pp. 1-6, 2005. Disponível em: <<http://www.freepatentsonline.com/article/North-American-Journal-Psychology/159922620.html>>. Acesso em 08 out. 2015.

FERREIRA, A. B. H. *Mini Aurélio: o dicionário da língua portuguesa*. 8. ed. Curitiba: Positivo, 2010.

FONTES, J. J. O. *Procrastinação: classificação dos hábitos de procrastinação digital no ambiente acadêmico de uma turma do 1º ano de Design e criação de método curricular pedagógico autorregular da aprendizagem*. 2012. 1042 p. Dissertação (Mestrado em Multimídia) – Faculdade de Engenharia de Universidade do Porto, Porto, Portugal, 2012. Disponível em: <<https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/72685>>. Acesso em: 18 maio 2015.

FRANCESCHINI, A. Psicologia organizacional e a análise do comportamento. *Transformações em Psicologia*, v. 2, n. 2, pp. 114-125, 2009. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S2176-106X2009000200007&script=sci_arttext>. Acesso em: 18 jul. 2015.

HARRIOTT, J.; FERRARI, J. R. Prevalence of procrastination among samples of adults. *Psychological Reports*, v. 78, pp. 611-616, 1996. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/232600716_Prevalence_of_Procrastination_among_Samples_of_Adults>. Acesso em: 02 out. 2016.

ISKENDER, M. The influence of self-compassion on academic procrastination and dysfunctional attitudes. *Educational Research and Reviews*, v. 6, n. 2, pp. 230-234, 2011. Disponível em: <<http://eric.ed.gov/?id=EJ923653>>. Acesso em: 15 jun. 2015.

KNAUS, W. J. Procrastination, blame, and change. *Journal of Social Behavior and Personality*, v. 15, n. 5, pp. 153-166, 2000. Disponível em: <<http://connection.ebscohost.com/c/articles/10625404/procrastination-blame-change>>. Acesso em: 18 maio 2015.

LAY, C. H. At last, my research article on procrastination. *Journal of Research in Personality*, v. 20, n. 4, pp. 474-495, 1986. Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/0092656686901273>>. Acesso em: 08 maio 2015.

LEE, E. The relationship of motivation and flow experience to academic procrastination in university students. *Journal of Genetic Psychology*, v. 166, n. 1, pp. 5-14, 2005. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/7951803_The_Relationship_of_Motivation_and_Flow_Experience_to_Academic_Procrastination_in_University_Students>. Acesso em: 15 out. 2015.

McCOWN, W.; JOHNSON, J.; PETZEL, T. Procrastination, a principal components analysis. *Personality and Individual Difference*, v. 10, n. 2, pp. 197-202, 1989.

_____. ROBERTS, R. A study of academic and work-related dysfunctioning relevant to the college version of an indirect measure of impulsive behaviour. *Integra Technical Paper* pp. 94-98, Radnor, PA: Integra, Inc., 1994.

MILGRAM, N. A.; BATORI, G.; MOWRER, G. Correlates of academic procrastination. *Journal of School Psychology*, v. 31, n. 4, p. 487-500, 1993. Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/002244059390033F>>. Acesso em: 15 out. 2015.

_____. SROLOFF, B.; ROSENBAUM, M. The procrastination of everyday life. *Journal of Research in Personality*, v. 22, n. 2, pp. 197-212, 1988. Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/0092656688900153>>. Acesso em: 20 jul. 2015.

MINISTÉRIODAEEDUCAÇÃO(MEC). *Curso de Ciências Contábeis da Universidade Federal de Uberlândia, 2015*. Disponível em: <<http://emec.mec.gov.br/emec/consulta-cadastro/detalhes-curso/d96957f455f14c6542552b0f6eb/MTc=/9f1aa921d96ca1df24a34474cc171f61/MTA>>. Acesso em: 01 abr. 2015.

RIBEIRO, F.; AVELINO, B. C.; COLAUTO, R. D.; CASA NOVA, S. P. C. Comportamento procrastinador e desempenho acadêmico de estudantes do curso de ciências contábeis. *Advances in Scientific and Applied Accounting*, v. 7, n. 3, pp. 386-406, set./dez. 2014. Disponível em: <<http://www.spell.org.br/documentos/buscaedicao/periodico/advances-in-scientific-and-applied-accounting/idedicao/3419>>. Acesso em: 23 fev. 2015.

ROTHBLUM, E. D.; SOLOMON, L. J.; MURAKAMI, J. Affective, cognitive and behavioral differences between high and low procrastinators. *Journal of Counseling Psychology*, v. 33, n. 4, pp. 387-394, 1986. Disponível em: <http://rothblum.sdsu.edu/doc_pdf/procrastination/Affective_Cognitive.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2015.

SAMPAIO, R. K. N.; BARIANI, I. C. Procrastinação acadêmica: um estudo exploratório. *Estudos Interdisciplinares de Psicologia*, v. 2, n. 2, pp. 242-262, 2011. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.5433/2236-6407.2011v2n2p242>>. Acesso em: 29 fev. 2015.

_____; POLYDORO, S. A. J.; ROSÁRIO, P. S. L. F. Autorregulação da aprendizagem e a procrastinação acadêmica em estudantes universitários. *Cadernos de Educação*, n. 42, pp. 119-142, maio/jun./jul./ago. 2012. Disponível em: <<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/caduc/article/view/2151/1968>>. Acesso em: 29 fev. 2015.

SCHOUWENBURG, H. C.; LAY, C. H. Trait procrastination and the big-five factors of personality. *Personality and Individual Differences*, v. 18, n. 4, pp. 481-490, 1995. Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/019188699400176S>>. Acesso em: 15 jul. 2015.

_____. Procrastination in academic settings: general introduction. In: SCHOUWENBURG, H. C.; LAY, C. H.; PYCHYL, T. A.; FERRARI, J. R. (Eds). *Counseling the procrastinator in academic settings*. Washington: American Psychological Association, 2004, pp. 3-17.

SILVA, D. J. M.; SILVA, M. A.; VILELA, M. S. S. Procrastinação e desempenho acadêmico: análise por meio da análise de correspondência. In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS CONTÁBEIS, 10, Ribeirão Preto. *Anais...* X Congresso da Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação em Ciências Contábeis, Ribeirão Preto, SP, 2016. Disponível em: <<http://congressos.anpcont.org.br/x/anais/files/2016-05/epc273.pdf>>. Acesso em: 04 out. 2016.

SOLOMON, L. J.; ROTHBLUM, E. P. Academic procrastination: frequency and cognitive-behavioral correlates. *Journal of Counseling Psychology*, v. 31, n. 4, pp. 503-509, 1984. Disponível em: <http://rothblum.sdsu.edu/doc_pdf/procrastination/AcademicProcrastinationFrequency.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2015.

TUCKMAN, B.W.; SCHOUWENBURG, H. C. Behavioural interventions for reducing procrastination among university students. In: SCHOUWENBURG, H. C.; LAY, C. H.; PYCHYL, T. A.; FERRARI, J. R. (Eds). *Counseling the procrastinator in academic settings*. Washington: American Psychological Association, 2004, pp. 91-103.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA (UFU). *Universidade Federal de Uberlândia, 2009*. Disponível em: <<http://www.ufu.br/>>. Acesso em: 08 jan. 2015.

VAN EERDE, W. Procrastination: self-regulation in initiating aversive goals. *Applied Psychology: An International Review*, v. 49, n. 3, pp. 372-389, 2000. Disponível em: <<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/1464-0597.00021/abstract>>. Acesso em: 15 jul. 2015.

_____. A meta-analytically derived homological network of procrastination. *Personality and Individual Differences*, v. 35, n. 6, pp. 1401-1418, 2003. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/222416181_A_meta-analytically_derived_homological_network_of_procrastination>. Acesso em: 15 jul. 2015.

WATSON, D. Procrastination and the five-factor model: a facet level analysis. *Personality and Individual Differences*, v. 30, n. 1, pp. 149-158, 2001. Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S019188690000192>>. Acesso em: 15 jul. 2015.